O PLANO DA RÚSSIA PARA CONQUISTAR O AZERBAIJÃO

*Por Ekaterina Zolotova**



Os presidentes do Azerbaijão, Ilham Aliyev (esq.), e da Rússia, Vladimir Putin (dir.), durante conversações em Sochi, na Rússia, em setembro de 2018 (Presidência da Federação Russa).

Moscou está fazendo o possível para atrair Baku para se juntar à sua aliança eurasiana.

A Rússia passou grande parte de 2021 tentando restabelecer os amortecedores que perdeu após o colapso da União Soviética. Desdobrou tropas para sua fronteira ocidental com a Ucrânia, aumentou a integração com a Bielorrússia, continuou sua missão de manutenção da paz no Cáucaso e aprofundou a cooperação com as nações da Ásia Central.

Em 2022, Moscou mudará seu foco para um país do sul do Cáucaso que há anos se equilibra entre o Ocidente e a Rússia: o Azerbaijão. E o fará usando a União Econômica da Eurásia, um bloco regional pós-soviético que domina, como ferramenta de coerção.

CARTA NA MANGA

No mês passado, o presidente do Azerbaijão, Ilham Aliyev, visitou Bruxelas a convite do secretário-geral da OTAN. Durante a reunião, Aliyev disse que o Azerbaijão é um parceiro confiável da OTAN e mantém laços estreitos com aliados da aliança, especialmente a Turquia. Comentários como esses irritam o Kremlin, que quer limitar ao máximo a presença da OTAN em sua periferia. O Azerbaijão é parte crítica dessa estratégia, pois separa a Rússia das forças da OTAN na Turquia.



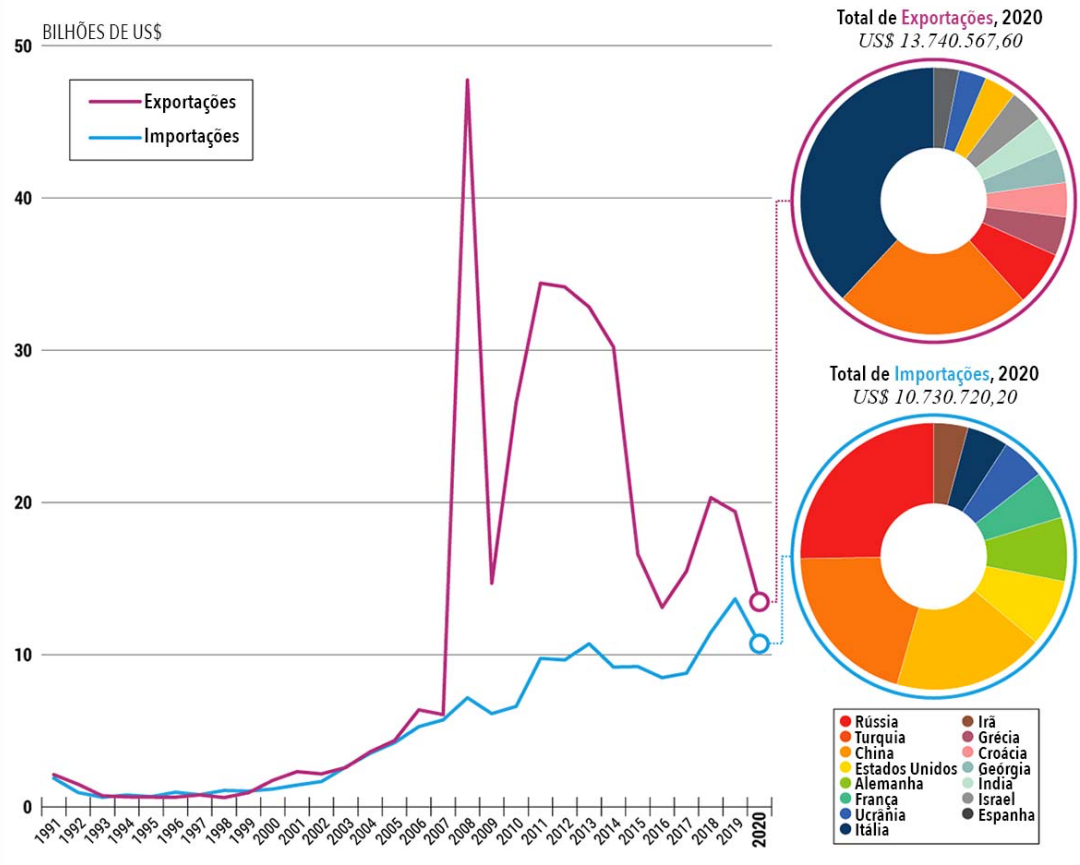
Zonas "amortecedoras" da Rússia (Geopolitical Futures).

Ultimamente, Moscou tem usado uma combinação de cooperação econômica e envolvimento militar (na forma de sua operação de manutenção da paz em Nagorno-Karabakh) para manter sua posição no Cáucaso. Mas, considerando seus problemas econômicos cada vez mais profundos e a variedade de outras prioridades, a capacidade da Rússia de competir por influência econômica aqui está enfraquecendo. Por exemplo, representa apenas 5% das exportações do Azerbaijão, enquanto a Itália e a Turquia (ambos países da OTAN) respondem por 30% e 18%, respectivamente. Baku também está aumentando a cooperação militar com a Turquia, que apoiou o Azerbaijão na guerra de 2020 em Nagorno-Karabakh.

Moscou, no entanto, tem uma carta na manga. O Azerbaijão é altamente dependente das exportações de petróleo e gás para o Ocidente. Hoje, cerca de 68% do total das exportações do país são petróleo bruto e produtos relacionados, e 15,9% são gases de petróleo e outros hidrocarbonetos gasosos. O Kremlin, que entende melhor do que a maioria as armadilhas de depender muito das exportações de energia, provavelmente está prevendo que Baku vai querer diversificar suas vendas no exterior para reduzir sua vulnerabilidade econômica. Mas isso será difícil para um país como o Azerbaijão, considerando o nível de competição e a falta de demanda por seus produtos não energéticos. Assim, na véspera da visita do presidente do Azerbaijão a Bruxelas, o Kremlin lembrou a Baku os benefícios de sua parceria.

Poucos dias antes de Aliyev partir para a reunião da OTAN, o presidente honorário do Conselho Econômico da Eurásia, um órgão regulador da União Econômica da Eurásia (EAEU, *Eurasian Economic Union*), disse que o Azerbaijão poderia ganhar o *status* de observador no bloco, cujos membros incluem Rússia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão e Armênia. A adesão à união aduaneira do bloco pode trazer benefícios significativos para o Azerbaijão, que recebe cerca de 18% de suas importações da Rússia.

Moscou também deu dicas sutis em outros lugares das vantagens de sua cooperação. Várias publicações da mídia russa recentemente divulgaram os fortes laços entre o Azerbaijão e os membros da EAEU. Por exemplo, a filial do Azerbaijão do site russo *Sputnik News* publicou um artigo no mês passado destacando os benefícios da associação. Segundo a publicação, a adesão do Azerbaijão à EAEU aumentaria as exportações do setor agrícola e não petrolífero do país em US$ 280 milhões. Também alegou que a adesão poderia aumentar o produto interno bruto do Azerbaijão em 0,6% em relação aos níveis atuais e que cada residente do Azerbaijão lucraria US$ 1.013 – uma quantia substancial em um país cujo PIB *per capita* é de apenas US$ 4.202.



Comércio do Azerbaijão (Geopolitical Futures com dados do Statistical Committee of the Republic of Azerbaijan).

O Kremlin também mencionou recentemente uma pesquisa de 2018 do Centro Analítico do Governo da Federação Russa que descobriu que quase 40% da comunidade empresarial do Azerbaijão gostaria de ter relações econômicas mais estreitas com a EAEU. Esses números, espera o Kremlin, parecerão atraentes em um país cuja economia está se recuperando da pandemia, mas lentamente. Embora o Azerbaijão tenha sofrido menos com os efeitos econômicos da pandemia do que seus vizinhos – devido em grande parte às suas exportações de energia – o desemprego, a pobreza e a imigração (principalmente para a Rússia) continuam sendo problemas significativos.

No entanto, a Rússia sabe que não pode contar apenas com o mercado interno da EAEU para atrair o Azerbaijão, já que as economias de alguns dos outros membros do bloco também enfrentam dificuldades. Assim, a EAEU está em negociações sobre um

acordo de livre comércio permanente com o Irã. (As partes assinaram um acordo comercial provisório em 2018.) O bloco também tem acordos de livre comércio com Sérvia, Vietnã e Singapura, e até 2025, Índia, Israel e Egito serão adicionados à lista. Isso significa que, ao ingressar no bloco, o Azerbaijão terá acesso a vários mercados adicionais, não apenas aos de seus cinco membros.

Outro benefício é que ajudaria a domar as hostilidades com o rival histórico do Azerbaijão, a Armênia. O primeiro-ministro armênio, Nikol Pashinyan, disse que seu país não se opõe à adesão do Azerbaijão se isso contribuir para a paz regional. A declaração é um claro ramo de oliveira, dados os frequentes confrontos entre os dois países.

OBSTÁCULOS

Mas também existem obstáculos no caminho da Rússia para atrair o Azerbaijão para a EAEU. Primeiro, adquirir o *status* de membro, ou mesmo de observador, pode ser um processo demorado que requer consenso entre todos os membros da EAEU. Dados os requisitos legais de adesão ao bloco, bem como as tensões em curso com a Armênia, as negociações podem ficar complicadas. Moscou pode ter que atender ao Azerbaijão por um tempo para mantê-lo interessado, o que é difícil devido à concorrência na região.

Em segundo lugar, Baku deve considerar as reações de seus outros aliados. O Azerbaijão está aumentando o comércio com países europeus e aliados próximos da Turquia. Prefere o equilíbrio entre Ocidente e Rússia, em vez de tomar partido.

Terceiro, a EAEU tem seus próprios problemas internos. Os estados-membros discordam em várias questões e nem sempre estão dispostos a ceder para superar suas divisões. Também está competindo por influência com a Comunidade dos Estados Independentes, outra instituição liderada pela Rússia que consiste em nações pós-soviéticas. Além disso, o mercado comum da EAEU ainda está em evolução, com questões sobre o funcionamento do mercado comum de gás e energia e migração de países menos desenvolvidos para mais desenvolvidos.

Em última análise, o Azerbaijão deve ver os benefícios da adesão; os azerbaijanos médios devem apoiar o processo de integração; e não deve haver limites para a livre circulação de mercadorias, mesmo através da região conflitual de Nagorno-Karabakh. Sem essas condições, é improvável que o Azerbaijão queira se juntar ao bloco. Será difícil alcançá-lo no médio prazo, mas para Moscou, este é o melhor momento para agir, já que Baku procura parceiros confiáveis para reviver sua economia e seus parceiros tradicionais estão atolados em seus próprios problemas. Atrair o Azerbaijão para a EAEU seria uma vitória para o Kremlin. Não é um caminho fácil, mas é um caminho que Moscou seguirá ao longo do próximo ano.

***Ekaterina Zolotova** é analista do* think tank *Geopolitical Futures. Especialista em relações econômicas internacionais pela Universidade Russa de Economia Plekhanov, estudou comércio internacional e processos de integração internacional, defendendo tese sobre características do desenvolvimento econômico da Venezuela. Fala russo nativo e é fluente em inglês.*